



Pais e alunos carregam faixas e cartazes nas ruas da cidade: manifestação foi organizada pelo Movimento Popular de Planaltina, que calcula um déficit de 500 vagas nas escolas públicas da cidade

Protesto pede vagas em escolas

Divisão Regional diz que nos colégios de Planaltina há lugar para todo mundo. Mas pais não conseguem matricular os filhos

Rosana Tonetti
Da equipe do Correio

Inconformados com a falta de vagas na rede de ensino pública, pais e alunos saíram às ruas de Planaltina para protestar. A coordenação do Movimento Popular da cidade calcula que nos cursos de 1º e 2º graus e no supletivo há um déficit de 500 vagas. Mas, segundo o diretor da Divisão Regional de Ensino, Magno Sérgio Neves, a história não é bem assim.

"Todos os pais que recorreram às instituições públicas conseguiram matricular os filhos. Pode ser

que tenham tido dificuldade em obter uma vaga na escola em que desejavam, porque a procura pelos colégios bem localizados é sempre maior", argumenta Neves.

O diretor admite que há falta de professores para algumas turmas do curso noturno. Mas promete normalizar a situação no início da próxima semana. "O governo vai chamar, por meio dos jornais, os professores aprovados em concurso público", explica. "Além disso, há os que participaram da remoção interna (mudança para a escola de preferência do professor) que também vão ajudar a preencher as vagas existentes."

"Queremos uma solução imediata para o problema", cobra um dos coordenadores do Movimento Popular, José Humberto Tibia. O movimento por mais vagas nas escolas de Planaltina reuniu cerca de 100 pessoas em protesto com faixas, piquetes e carro de som exigindo mais escolas, vagas e professores em frente à Divisão Regional de Ensino (DRE).

Alunos do Centro Interdisciplinar de Ensino, que fica ao lado da DRE, ajudaram a engrossar a massa de manifestantes.

A sugestão dos moradores é que pelo menos cinco escolas localizadas no centro de Planaltina ofereçam também cursos noturnos de 1º e 2º graus. "Esse seria um meio de resolver a situação. Pelo menos por enquanto, já que a construção de uma escola leva tempo", sugere Tibia.

SOLUÇÃO

Magno acha desnecessário ampliar a oferta de cursos proposta por Tibia. Segundo ele, há 40 mil alunos matriculados na rede oficial de ensino na cidade — três mil a mais que no ano passado. São 65 escolas em Planaltina. Desse total, 42 ficam na zona rural.

O diretor também lembra que já está funcionando o Centro de Ensino Nossa Senhora de Fátima, a alguns quilômetros do centro e com capacidade para atender 1.800 alunos de 2º grau. "A escola aguarda a demanda, com duas salas de aula para receber mais alunos", reforça Magno.

A vendedora de cosméticos Denise Alves Barbosa afirma que a filha Elissandra, de 19 anos, luta desde o início por uma vaga no 3º ano do 2º grau. "Minha filha precisa concluir a série para prosseguir os estudos. Ela ganha um salário mínimo como balconista e uma escola particular custa

R\$ 150,00 por mês. Nem ela nem eu temos condições de pagar tudo isso", desabafa a mãe. "Aqui em Planaltina ninguém fica sem estudar. Temos vagas para todos e procuramos solucionar os casos que chegam até nós", rebate Magno.

Jefferson Vieira dos Santos, 7 anos, já está, segundo a avó Maria de Lourdes da Silva, alfabetizado. "Mas no Colégio Centrão, onde ele estuda, vai ter que continuar na mesma série porque a direção diz que não tem vaga na turma que o menino deveria ficar", conta a avó.

"Não é bem assim", reage Magno. É que o colégio onde Jefferson estuda faz parte do projeto Escola Candanga, no qual as turmas são formadas de acordo com a idade dos alunos e não por série. "Alguns pais têm dificuldade em entender esse tipo de proposta, que faz uma avaliação diferente da escola tradicional."